

EDUCAÇÃO PARA O PENSAR NA AMAZÔNIA: A TRAJETÓRIA DO PROGRAMA FILOSOFIA PARA CRIANÇAS NO MUNICÍPIO DE ORIXIMINÁ

*EDUCATION FOR THE THINKING IN THE AMAZON:
THE TRAJECTORY OF THE PHILOSOPHY PROGRAM
TO CHILDREN IN THE MUNICIPALITY OF ORIXIMINÁ*

Claudene Souza da Silva
Universidade do Estado do Pará

Resumo

O texto apresenta o resultado de uma pesquisa sobre o Programa Filosofia para Crianças e sua implantação no município de Oriximiná. Toma como referência os trabalhos de Lipman (1990), Sharp (1996) e Sátiro (1996). Coloca em destaque a filosofia como forma de pensamento, o programa de Filosofia para Crianças, o que é uma comunidade de investigação, a importância do diálogo e a educação para o Pensar. O lócus da pesquisa foi a Escola Professor Jonathas Pontes Athias, cujos trabalhos iniciaram-se em julho de 1997, com a realização do curso básico para professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries. Como abordagem metodológica foi usada a pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso e os métodos de produção de dados foram a entrevista semi-estruturada e a observação participante. A pesquisa ainda enseja toda uma caminhada histórica dos trabalhos iniciais com a Filosofia para Crianças no Brasil, bem como sua história de implantação no município de Oriximiná - Pará. E, conclui com as concepções dos professores sobre Filosofia para Crianças.

Palavras-chave: Comunidade de investigação, Filosofia, Educação.

Abstract

The text presents the result of a research on the Programa Filosofia para Crianças and its implantation in the municipality of Oriximiná. It takes as reference the works of Lipman (1990), Sharp (1996) and Sátiro (1996). It points out the philosophy as form of thought, the Programa Filosofia para Crianças, what is an investigation community, the importance of the dialogue and the education for the Thinking. The research lócus was the Professor Jonathas Pontes Athias, whose works began in July, with the accomplishment of the basic course for teachers of Infantile Education and Fundamental Teaching from 1st to 4th grade series. As methodological approach was used the qualitative research of the case study type and the methods of data production were the semi-structured interview and the participant observation. The research still offers a historical walk of the initial works with the Philosophy for Children in Brazil, as well as its implantation history in the municipality of Oriximiná - Pará. And, it ends with the teachers' conceptions on Philosophy for Children.

Keywords: Investigation community. Philosophy. Education.

Introdução

É possível uma educação refletida e comprometida com o social em tempos de Globalização? Com o intuito de responder essa questão que este trabalho de pesquisa tem como escopo o estudo sobre o Programa Filosofia e o seu método de trabalho, que busca levar o aluno a pensar sobre sua própria condição de existir no mundo. Muito embora, as transformações proporcionadas pelos grandes avanços tecnológicos têm favorecido às escolas o desenvolvimento no educando de habilidade, estas, nem sempre são comprometidas com um projeto de homem e de sociedade e nem tampouco condizem com uma educação emancipatória. Assim, para entender mais sobre outras perspectivas que diferem desse tipo de educação descompromissada com um projeto de sociedade democrática, houve a necessidade de um estudo sobre a educação para o pensar, termo cunhado por Lipman para caracterizar a educação que visa desenvolver um pensamento de ordem superior no educando.

Dessa maneira, ao mostrar que ensinar não é somente inculcar conhecimentos na mente do aluno, que surgiu o interesse de um estudo sobre sua estrutura e trajetória em Oriximiná, município localizado a oeste do Pará, local onde se dá a exploração da bauxita e onde é premente a necessidade da preservação da biodiversidade amazônica e de suas reservas naturais. Conjuntamente, outro motivo que impulsionou o estudo foi sua relevância social, pois, o Programa busca desenvolver no aluno não apenas habilidades cognitivas, mas o desenvolvimento dos aspectos afetivo, ético, estético e pensamento crítico. Daí, dizer que é um programa de educação para o pensar, pois, prima pela construção de uma cidadania mais responsável e por uma sociedade mais igualitária para todos.

Outro ponto em destaque é sua base filosófica, cujo epicentro é o trabalho em sala de aula como comunidade de investigação, cujas origens se deram por iniciativa de Lipman (1990), filósofo contemporâneo, que sensibilizado pela ausência de uma educação mais significativa criou toda uma metodologia para ingressar crianças desde a mais tenra idade no mundo filosófico. Ademais, sua atitude tem influenciado novos grupos de pesquisadores, que mesmo usando outros métodos, tem no diálogo o ponto inicial para o processo educacional em sala de aula. Nesse aspecto, vale enfatizar

os estudos iniciais da Universidade do Estado do Pará nos projetos de Filosofia para crianças com base no Pensamento de Paulo Freire.

Dessa maneira, a presente pesquisa teve como lócus a escola Professor Jonathas Pontes Athias, que desenvolve o projeto desde julho de 1997, cuja primeira experiência se deu com a realização do curso básico para professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries. Por ser uma pesquisa que analisa as mais diferentes complexidades do processo de ensinar, que utilizamos a abordagem qualitativa do tipo estudo de caso, definido por Ludke e André (1986) como abordagens que buscam retratar a realidade de forma completa e profunda; usam uma variedade de fontes de informações; revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas” Como técnicas de coleta de dado foram utilizadas a entrevista semi-estruturada e a observação participante.

A Filosofia como forma de Pensamento

Segundo Chauí (1995), desde o surgimento dos primeiros filósofos na antiga Grécia, por volta de fins do século VII a. C e VI a. C, a filosofia demonstrou ser fator indispensável nas descobertas e nas explicações dadas às grandes questões levantadas para equacionar problemas cotidianos e circunstanciais. Fato comprovado com os filósofos da natureza Tales de Mileto, Anaximandro, Parmênides, Demócrito, Empédocles e Anaxágoras, para os quais a filosofia não representou apenas o pensar a natureza e o mundo, mas significou a sistematização do próprio pensamento. Acreditando que nada surgiu do nada e partindo de inspirações da razão humana, o conhecimento com os filósofos deixou de ser resultado de explicações míticas para assim, tornar-se um conhecimento mais elaborado.

Por volta de 450a.C., a filosofia com os sofistas, tornou-se verdadeiramente instrumento da razão humana, sendo palco de grandes argumentações dos debates públicos. Vindo das colônias gregas e concentrando-se em Atenas, os sofistas foram grupos de professores itinerantes que ganhavam dinheiros; motivo de muitos deles tornarem-se enriquecidos, em troca de ensinar a arte do bem falar aos cidadãos atenienses. Para os sofistas não bastava dizer a verdade, o importante era o poder na argumentação. O discurso tinha que ser persuasivo e essencialmente prático. O

que estava em jogo não era o valor axiológico do discurso, mas seu poder de convencimento. Nesse sentido, tudo que era pragmático e interessante, servia tão somente para extasiar a platéia na construção das discussões mais inflamadas.

Decorrida a influência dos sofistas no processo de construção do pensar, surge uma filosofia mais ligada à investigação dialógica, em que o saber construído era imanentemente resultado do espírito inquiridor entre sujeitos. Essa filosofia como expressão dialógica surge com Sócrates (470 a.C e 399a. C). Mestre das multidões e apreciador de mitos e alegorias, Sócrates nasceu em Atenas e passou a maior parte de sua vida nas praças públicas e mercado conversando com jovens, velhos e escravos em busca do conhecimento. Por meio de seu método maiêutica, levou vários interlocutores a examinarem cautelosamente suas idéias e com isso mostrou para a humanidade que o verdadeiro conhecimento vem de dentro do ser em conjunção com sua realidade num processo dialético.

Ulteriormente, esse foi o caminho percorrido por Platão para demonstrar nos seus escritos sobre Sócrates, que o problema quando colocado em discussão é capaz de gerar certo encantamento, o que leva o sujeito do conhecimento a encontrar diferentes respostas para uma determinada situação. Na Apologia de Sócrates, escrita por Platão, Sócrates não só legou para o mundo que o ponto de partida para o conhecimento é o reconhecimento de sua própria ignorância, como foi responsável de traduzir que a filosofia não é privilégio apenas dos sábios, mas sim de todos que em meio ao diálogo são capazes de construir seu próprio conhecimento.

De acordo com essa assertiva, podemos observar que a filosofia desde muito tempo provocou descobertas, reflexões, sempre almejou um sentido novo para as coisas, daí ser investigativa, estimulando o querer saber mais, tornando-se de certa forma importante para fazer bons julgamentos, abrindo leques de significados ao pensamento. Entretanto, mesmo sendo inerente aos homens, a filosofia durante muito tempo ficou limitada a uma minoria e vários filósofos tentaram se apropriar dos conhecimentos filosóficos, os quais foram limitados aos seus próprios projetos, dentro de suas próprias definições.

No entanto, Sócrates mostrou que a filosofia por si só rejeita qualquer tentativa de apropriação. E, comungando dessa perspectiva, Lipman

(1990) demonstrou através de seu método filosófico que concilia prática e teoria, que a filosofia não se restringe apenas aos cursos universitários e Ensino Médio, mas pode ser estendida principalmente ao Ensino Fundamental e Educação Infantil. Lipman (1997, p. 48), criador do Programa de Filosofia para crianças (PFC) identificou a existência no processo educacional de dois paradigmas fortemente contrastante da prática educativa: “O paradigma da prática normal ou padrão e o paradigma da prática crítica”.

No paradigma padrão, a educação, de acordo com Lipman (1997), consiste apenas na transmissão dos conhecimentos acumulados historicamente, sendo esses saberes distribuídos entre as disciplinas, que na maioria são estanques e sem nenhuma relação com as outras disciplinas, pois,

[...] o que a criança encontra é uma série de apresentações especializadas sem conexão. Quando tem uma aula de linguagem após uma de matemática a criança não é capaz de estabelecer nenhuma relação entre elas e tampouco consegue ver relação entre a aula de linguagem e a de estudos sociais ou ciências naturais. (LIPMAN, 1997, p.49)

Nesse paradigma padrão, o professor desempenha um papel sempre de detentor do conhecimento, o único habilitado para criar afirmações sobre determinado assunto. Por outro lado, no paradigma reflexivo, o conhecimento é produto de análises e reflexões que se originam em uma comunidade filosófica de investigação, construído no próprio espaço antropológico de sala de aula. Numa comunidade filosófica de investigação o conhecimento é investigado com a participação do professor e também dos alunos e ambos interagem por meio do diálogo.

Dessa maneira, a filosofia neste paradigma reflexivo é o sustentáculo do método de estudo e o professor é um simples orientador de debates. Nesse ambiente, o aluno é livre para exercer seus pensamentos e opiniões particulares, que em virtude de procedimentos mais participativo são orientados para o uso da razão e a capacidade para serem criteriosos. A contribuição da Filosofia nesse processo é crucial e muito significativa, pois é ela quem vai dar maior impulso às argumentações, inquirições e senso crítico, pois desperta o bom senso infantil e a própria curiosidade. Com base nessa afirmativa, Silva (1997), assim se posiciona:

Ao contrário do paradigma crítico, o paradigma padrão embora não estimule o desenvolvimento das potencialidades do ser humano, tornando-os apáticos diante das situações do mundo, com as disciplinas desarticuladas do contexto social e comportamentos e procedimentos rígidos adotados pelos professores é o paradigma mais utilizado nas escolas de uma forma geral (SILVA, 1997, 58-9).

Assim, partindo dessas observações sobre os paradigmas, que Lipman concebeu um programa de Educação para o pensar, que cultiva habilidades cognitivas, através de uma metodologia específica, que tem no diálogo investigativo o ponto de apoio para transformar a sala de aula em comunidade de investigação, na qual não se aceita qualquer resposta, mas sim uma opinião oriunda da reflexão discutida entre iguais. Para Lipman (1995, p.32- 6) “devemos chegar a uma solução imparcial [...] não necessariamente aquela que esteja correta em todos os seus detalhes” porque conhecimento estanque jamais poderá transformar se em “laboratório de racionalidades”.

O Programa Filosofia para Crianças

A iniciativa de estender a filosofia às crianças se deu por conta de uma situação vivenciada pelo próprio Lipman. Filósofo e educador norte americano que investigou diversas áreas, dentre elas a estética, a política e a lógica. Em suas aulas de lógica para estrangeiro observou em suas turmas um descompasso existente entre o aprendizado adquirido pelos alunos na escola e a sua vida prática. No entanto, o fulcro principal para seus estudos foi o depoimento de uma mãe em uma reunião de pais e mestre na escola que seus filhos estudavam. O depoimento dizia respeito ao ensino ministrado pela escola, que segundo a mesma servia tão somente para o aluno resolver as questões para prova, não sendo dessa maneira útil em sua vida diária.

No entanto, antes mesmo de concretizar sua idéia sobre o programa de filosofia para crianças, Lipman observou deficientes neurológicos e em suas observações empíricas constatou junto aos outros professores que os mais novos eram mais propícios aos conhecimentos e eram capazes de ler e escrever, mas não tiravam qualquer sentido prático dos parágrafos. Observou ainda, que foi por meio de textos que levam às inferências lógicas que os alunos puderam dar mais sentido no desenvolvimento da leitura e escrita. Partin-

do dessas observações, implementou toda uma estrutura de ensino que ficou conhecida como Programa de Filosofia para Crianças.

Lipman foi fortemente influenciado pelas idéias de John Dewey, Pierce, Wittgenstein, pelas psicologias do desenvolvimento e da aprendizagem de Piaget e Vygotsky, mas, principalmente pela paixão contagiante da filosofia, como um conhecimento que gera um sabor cada vez mais saboroso de amor ao conhecimento. Dessa maneira, criou em 1969 a primeira novela de caráter filosófico para crianças. A novela recebeu o nome do fundador da lógica Aristóteles, daí ser intitulada “Harry Stottlemeier’s Discovery, traduzido para o português com o título “Ari dos Telles”. Trata - se de uma novela para alunos entre 11 e 12 anos.

A preocupação era tão grande de organizar um programa que viesse dar um novo sentido à Educação, que Lipman em parceria com sua colaboradora Ann Margareth Sharp elaboraram manuais para os professores que desejavam trabalhar com o Programa. Nessa caminhada, escreveram outras novelas infantis, traduzidas para o português com os títulos: Pimpa, Issão, Guga e Luisa e o magistral Ari dos Telles.

As novelas são usadas para suscitar os questionamentos. Além dessa dinâmica o programa conta ainda com o espaço de sala de aula, que se transforma em uma comunidade de investigação, que segundo Mandel (1997) é o espaço por excelência para a construção de diferentes habilidades:

A comunidade de investigação é o espaço onde, em conjunto, as crianças [...] investigam dentro de uma estrutura reciprocamente igualitária cada uma tem o direito de expor suas idéias e o dever de ouvir e examinar as idéias das outras em busca de qual seja a melhor resposta para a questão, avaliando e julgando, enquanto comunidade (MANDEL, 1997, p.24).

A comunidade de investigação é o espaço em que tudo de mais democrático pode acontecer. E, segundo as observações feitas na pesquisa, os alunos criam todo um ambiente de respeito e ajuda mútua, pois, quando uma criança não consegue ser compreendida as outras vêm em sua ajuda e colocam suas idéias, de modo que os questionamentos fluem e conseguem sua finalidade principal: o de analisar e questionar a realidade.

Constituindo uma Comunidade Filosófica de Investigação

A sala de aula, ao se configurar como comunidade de investigação, cada participante tem suas próprias investigações compartilhadas, porque tudo se dá de maneira construtiva, inclusive o discurso. Sendo essa prática cooperativa, um saber que vai além de um conhecimento sistematizado, pois, cria valores, princípios éticos, estéticos, enfim, uma diversidade de qualidades. Na concepção de Splitter e Sharp (1997) os membros de uma comunidade de investigação na sala de aula:

[...] vão se engajar em várias atividades: desde conversar, questionar e ouvir, até escrever, ler, desenhar, encenar e jogar. Mas o conversar, o questionar e o ouvir, misturados às outras atividades, é que são vitais. (SPLITTER e SHARP, 1997, p.43).

Nesse sentido, o diálogo de sala de aula será um processo intrinsecamente ligado ao pensamento, que refletirá opiniões, produto de um entendimento mais profundo, movido pela razão, com base no pensar, ouvir e dialogar. Assim, o Programa Filosofia para Crianças não só vai pressupor o desenvolvimento de habilidades de pensamento, habilidades de investigação e/ou de raciocínio, mas também habilidades emocionais. Tal fato pode ser corroborado pela afirmação de Lorie (1997), que assim se posiciona sobre o diálogo de uma Comunidade Filosófica de investigação:

É na troca de idéias que as pessoas têm grande chance de estar expondo suas idéias aos outros sobre o mesmo tema ou assunto, de estar comparando suas idéias com a dos outros e a dos outros entre si e de estar a partir daí, podendo melhorar, completar, ou mesmo modificar o que pensam ou então confirmar ainda mais seus pontos de vista (LORIERE, 1997, p.16-7).

Dessa maneira, a sala de aula transforma-se em verdadeiro ambiente de pesquisa e a imaginação é o caminho central, funcionando como uma espécie de fios de Ariadne e a linguagem seu modelador mais importante. Assim, a descoberta de si, como pessoa, significa também a descoberta de outras pessoas, pois, na comunidade de investigação existe toda uma fusão de idéias, sentimentos e imaginações.

A idéia de comunidade de investigação, enquanto espaço para o exercício do pensar, concebido por Lipman, teve em Dewey sua inspiração. Assim, como Dewey percebeu as funções das ins-

tuições educativas como cenários para mudança na sociedade. Da mesma forma Lipman percebeu essa necessidade. Outra fonte de inspiração foram as idéias de Vygotsky, especialmente no que tange à predisposição que as crianças têm para interagir com seu meio social. Segundo Mandel (1997) a comunidade de investigação:

[...] é o espaço onde, em conjunto, as crianças [...] investigam dentro de uma estrutura reciprocamente igualitária (cada uma tem o direito de expor suas idéias e o dever de ouvir e examinar as idéias das outras) em busca de qual seja a melhor resposta para a questão, avaliando e julgando, enquanto comunidade (MANDEL, 1997, p 24-25).

Desta feita, além da dinâmica do discurso em sala de aula a Comunidade de Investigação reserva à criança todo um aprendizado de troca de informação, de idéias e até de sentimento. Entretanto, o maior aprendizado é o respeito mútuo que se constrói entre seus participantes.

A Importância do Diálogo na Comunidade de Investigação

A educação dialógica sempre serviu para unir sujeitos interlocutores em busca de um significado que tivesse como conteúdo a própria existência humana. Por esta razão, o diálogo na Comunidade de Investigação, como expressão do pensamento vai além de uma relação entre sujeitos, pois, aprender a valorizar a palavra falada é também uma das etapas para uma boa comunicação. Ao elucidar sobre o diálogo de uma comunidade de investigação, Lipman (1995) afirma que:

[...] existe uma relação estreita entre o falar e escutar, pois se não escutamos com atenção o sentido do que está sendo dito, mas apenas seguimos os componentes menos essenciais da conversação, provavelmente entenderemos mal aquele que está falando. (LIPMAN, 1995, p. 47).

Dessa maneira, os procedimentos recíprocos do diálogo despertam na criança a busca de uma identidade pessoal e, principalmente, respeito pelo outro. Ao aceitar a correção pelos colegas, ao desenvolver suas próprias idéias, ao mostrar senso crítico para lidar com diferentes assuntos, suscitam a vontade de investigação e isso gera novos olhares. Isso se dá, porque, segundo Splitter e Sharp (1997, p.215) “como participante da Comunidade de sala de aula [...] as crianças aprendem por meio de prática reflexiva e auto-corretiva.”

Essas atitudes de compreensão tendem, entre outras características, desenvolver nos sujeitos valores éticos e altruístas em relação aos seus interlocutores. Nesse sentido, o diálogo torna-se um grande espelho, no qual cada um se vê pelo olhar e fala do outro. Mas, é também um grande mediatizador de debates, e construtor de todo o processo que alicerça os conhecimentos de uma investigação em sala de aula.

No Brasil, a implantação do PFC foi resultado dos esforços de Catherine Young Silva (1937 – 1993) que após descoberta meio casual da existência do curso de mestrado em Filosofia para Crianças na Montclair State University, Estados Unidos, dirigido pelo próprio Matthew Lipman, Catherine deu início aos primeiros trabalhos com Filosofia para Crianças. Tamanha foi a repercussão do Programa, que em 1984 junto com um grupo de professores, entre eles a professora Marion Burleigh começaram as experiências de trabalhos em São Paulo.

Em janeiro de 1985, esse mesmo grupo criou o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC) como uma entidade civil, sem fins lucrativos, responsável pela tradução dos materiais de Lipman, divulgação da proposta e formação de professores no Brasil inteiro. Atualmente, o Programa Filosofia para Crianças já é uma realidade em diferentes Estados. Nesses estudos, vale ressaltar os trabalhos do professor José Auri Cunha, PUC de Campinas/SP, Maria Helena Prado na Universidade de Mogi das Cruzes em São Paulo, do Centro de Filosofia – Educação para o Pensar de Florianópolis e outros grandes nomes que vêm disseminando o Programa em nosso país.

Educação para o pensar na Amazônia

Dessa maneira o programa atravessou fronteiras e num recôndito lugar da Amazônia as crianças também estão pensando o futuro da humanidade, da valorização da Floresta Tropical, dos animais e do próprio homem. Normalmente as aulas começam com as crianças sentadas em círculos para a leitura da novela filosófica do dia. O professor seleciona a priori um assunto para ser discutido. Após cada leitura, as perguntas são selecionadas. As que exigem questionamentos são lançadas, enquanto as que não atingiram esse patamar são reelaboradas.

O manual do professor serve como guia, mas não é o único parâmetro. As questões selecionadas perpassam por diferentes critérios ora estabelecem percepções de ambigüidades, ora relações e construções de analogias. A partir das seleções, desenvolvem-se os debates em que todos têm o direito de falar e de ser ouvido. Até mesmo os mais tímidos se envolvem no questionamento. Segundo depoimento dos professores, sujeitos desta pesquisa, essa situação é bem resolvida entre os alunos, na hora da sessão filosófica. Assim, se posiciona uma das professoras:

Eu incentivo a participação de todos, às vezes escolho os tímidos para começar a sessão ou mesmo durante ou ao final. Os que falam demais aprendem a esperar a sua vez (Professora A).

Por ser próprio de uma comunidade de investigação o questionamento, a discussão, percebeu-se empiricamente que os alunos à medida que a discussão vai se configurando, os mais tímidos são contagiados e os mais falantes se adaptam aos critérios da comunidade. Tais critérios são construídos em comum acordo pelos alunos e constituem os combinados: falar um de cada vez; prestar atenção na discussão; levantar o dedo e esperar a vez de falar; ouvir a opinião do colega; não desviar o assunto que se está discutindo; aprender a respeitar as regras dos combinados; discutir questões com objetividade.

Ao contrário do que acontece em muitas escolas de nosso país, a educação numa comunidade de investigação enseja um desenvolvimento maior da oralidade no aluno, é dialógica e desperta o senso do debate e da discussão. Os alunos tornam-se reflexivos de sua própria língua. Com isso, discutem com facilidade e são possuidores de diferentes informações. Fato que pode ser observado no depoimento dos sujeitos da pesquisa, os quais evocam que o Programa só tem contribuído positivamente para uma educação mais democrática, como potencial criador, o qual pode ser visto nos depoimentos das professoras B e C.

Só o fato da Criança da escola ter voz e participação efetivamente dos diálogos, é indicio que será uma cidadã melhor que nós, adultos de hoje (Professora B). Abordamos temas variados, de acordo com as novelas filosóficas. Mas quando tem um assunto que nos preocupa em determinada turma, preparamos a ses-

são a partir dele. Trabalhamos também a questão do meio ambiente, meninos de rua, etc (Professora C).

No Programa, o conhecimento é interdisciplinar não existe um único assunto para construção do arcabouço do aluno, mas existem diferentes assuntos que se entrelaçam e explicam a realidade. Tanto, que os alunos também têm seus sentimentos sobre o produto desse aprendizado:

As aulas de Filosofia nos dão oportunidades de expor nossas idéias e pensamentos. Ao relacionarmos os temas das aulas, com nossa realidade, refletimos e aprendemos a lidar com a vida. Também adquirimos mais conhecimentos. Aprendemos a ser mais críticos. São aulas diferentes das outras porque podemos falar de nós mesmos, da sociedade e da nossa convivência. Não são aulas mecânicas. Temos liberdade para falar e expressar nosso pensamento (Depoimento de um aluno em uma nota do Jornal "Martelada Trabalhista", de Maio/Junho de 1998).

Nada de repetir e reproduzir conhecimentos prontos. Mas, é preciso pensar e refletir o próprio pensamento! É com essa meta que o Programa Filosofia para Crianças se materializou na Escola Professor Jonathas Pontes Athias, localizado em Porto Trombetas/ Oriximiná Pará, Oeste do Pará.

Metodologia

Construir a trajetória do Programa Filosofia para Crianças exigiu um amplo estudo sobre a temática, desde seu surgimento nos Estados Unidos até sua chegada ao Brasil e posteriormente em Oriximiná. De posse da bibliografia básica, começamos a construção do arcabouço teórico, que serviria tão somente para embasar a pesquisa. A partir de outubro de 1997, começamos as observações. A cada encontro realizado, tudo era assistido com muito interesse. Cada gesto, tudo que acontecia nas comunidades era devidamente registrado.

No início de agosto de 1999, começava assim a realização de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram de suma importância para entender o processo de aceitação do PFC (Programa de Filosofia para Crianças) na Escola, as dificuldades enfrentadas e saber como estava se dando o uso das metodologias do programa. Assim, como o objetivo era apenas traçar uma trajetória e conhecer as bases de uma educação reflexiva, como proposta de ensino, que usamos como abordagem metodológica o estudo

de caso. Como o processo exigiu observação *in lócus*, muitos outros aspectos foram suscitados, mas são questões que exigirão novos estudos. Esses estudos podem ser do tipo: o que existe por detrás dos discursos do Programa Filosofia para Crianças, quais as ideologias que perpassam o Programa e outros. A observação participante e a entrevista semi-estruturada foram utilizadas como recursos de coletas de dados. Os sujeitos da pesquisa foram os professores da escola, que trabalham com o Programa, alunos e coordenador do Programa.

Resultados

Ao tomar por base todos os pressupostos apresentados no decorrer desta pesquisa, faz-se viável asseverar que o Programa Filosofia para Crianças, dependendo de sua abordagem ética, política, social e econômica no contexto educacional pode representar um grande avanço na estrutura do ensino. Tal situação lançou luz sobre os vários projetos que vicejaram na escola, após sua implantação. Projetos que são gestados por iniciativas dos alunos e que trabalham temas urgentes da sociedade, tipo consciência ecológica, educação para a paz, para o trânsito e outros.

Ademais, por ser uma proposta que objetiva educar para o pensar, cujos eixos centrais são: a iniciação filosófica de crianças e jovens, a preparação de uma cidadania responsável e salas transformadas em comunidade de investigação. Nesse aspecto, observamos que a sala de aula ao se transformar em comunidade de investigação, os questionamentos são inúmeros e que qualquer criança é incapaz de não querer emitir sua opinião. Desse modo, o interesse por objetivos comum é patente e a atitude de cooperação é real.

Outro ponto a ser ressaltado do programa é a construção social que subjaz a formação social do aluno, pois ao trabalhar com julgamentos equilibrados, ao fazer perguntas que tocam o centro do problema, ao tratar professores e alunos como interlocutores no processo de diálogo, o programa não promove apenas um crescimento pessoal, mas coletivo.

No entanto, sabemos que nem sempre na educação foi possível um conhecimento mais reflexivo e criativo, pois, durante anos a educação tradicional reservou para os meios escolares um ensino sem erros. Chegou-se ao ponto de aceitar uma única resposta com um único método para

chegar ao conhecimento. Entretanto, com a Filosofia, analisa-se a diversidade de opiniões, soluções e métodos, que também são rigorosos por buscarem a raiz dos problemas.

Reflexão Final

Diante dessas situações, concluímos que a educação jamais será espaço de vida, colaboração, investigação e renovação enquanto a escola não respeitar o ser humano em suas dimensões cognitivas, sociais, físicas e emocionais, condições mínimas para o desenvolvimento do aluno como ser pensante e participativo de seu processo social. E nenhuma educação terá seu valor social se não pensar a educação como um direito social, pois, pelo economicismo que ora circun-

da a educação é muito provável que esta possa a vir a ser mola mestra de grupos maximizadores de insumos para o mercado mundial.

Entretanto, é a partir de uma visão mais crítica de nossa realidade que poderemos desvelar suas diferentes máscaras e lutar por uma educação emancipatória, minada não por interesses individuais, mas por interesses coletivos. Somente dessa maneira a escola transformar-se-á em um espaço de mudança social. Enquanto isso não acontecer a escola, será meramente como afirma Lipman (1995) um campo de batalha, pois, é mais que qualquer outra instituição social, aquela que fabrica a sociedade do futuro, e virtualmente todo o grupo ou facção social aspira controlar, tendo em vista seus próprios objetivos.

Referências

- CHAUI, Marilena. *Convite a Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- LIPMAN, Matthew. *A Filosofia vai a Escola*. São Paulo: Summus Editorial, 1990.
- _____. *O Pensar da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- _____. *Natasha: diálogos vygotskianos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LORIERE, Marcos A. A Educação para o Pensar e a Comunidade de Investigação. In: *Revista Dois Pontos-Teoria e Prática em Educação*. MG, nº 32, julho/agosto- 1997.
- Jornal Martelada Trabalhista* de Maio/Junho, Porto Trombetas, 1998.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MANDEL, Sylvia J.H ; SANTANA, Isabel Cristina. Comunidade de investigação e Pré-Escola. In: *Revista Dois Pontos- Teoria e Prática em Educação*, MG, nº 32, julho/agosto- 1997, p-24-25.
- SÀTIRO, Angélica. Avaliação: Questão Humana. In: *Reflexões sobre uma educação para o Pensar*. São Paulo: CBFC, 1996.
- _____. WUENSCH, Ana Mirian. *Pensando Melhor: Iniciação ao Filosofar*. São Paulo: Saraiva, 1997.
- _____. PUING, Irene. Sala de Aula? Para Que?. In: *Revista Dois Pontos-Teoria e Prática em Educação*, MG, v. 4, nº 36, Janeiro/ Fevereiro-1998, p.78-79.
- SHARP, Ann M. Educação: uma jornada Filosófica. In: *Comunidade de Investigação e a Educação para o Pensar*. São Paulo: CBFC, 1996.
- SILVA, Catherine Y. Por que as crianças param de fazer perguntas? In: *Revista Dois Pontos-Teoria e Prática em Educação*, MG, nº 32, julho/ agosto-1997, p. 58-59.
- SPLITTER, Laurence J.; SHARP, Ann Margareth. *Uma Nova Educação: a comunidade de Investigação na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- Claudene Souza da Silva*
Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará - UEPA Professora da Escola Estadual de Ensino Médio Pe. José Nicolino de Souza, publicações importantes: artigo sobre filosofia para crianças. Pesquisa em desenvolvimento pela autora "práticas avaliativas dos professores de matemática egressos dos cursos da UEPA". Endereço para contato: claudenesouza@gmail.com

Recebido em 20/03/008

Aceito para publicação em 29/06/2008